

Entrevista com o cineasta Marcus Vilar

Falar da história recente do cinema paraibano significa também falar do Cineasta Marcus Vilar e da importância do seu trabalho para a produção cinematográfica paraibana. Com as raízes de sua formação na extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcus Vilar coloca nessa entrevista um pouco da história do filme “O Senhor do Castelo” e da sua paixão pelo cinema, evidenciando a importância dessa expressão artística para a formação da consciência e para que a experiência da extensão universitária reafirme seu compromisso de consolidar a parceria universidade e sociedade, no sentido de empreender uma ação transformadora e que fomente a troca e a participação rumo a uma extensão cidadã.



Extensão Cidadã – Como começou a sua história na extensão?

Marcus Vilar – Comecei a trabalhar na UFPB em 1980. Como era estudante de Educação Física, fui lotado no Ginásio de Esportes. Na ocasião, já tinha uma pequena ligação com a extensão, já que funcionava no setor de esportes um trabalho junto à comunidade onde se ministrava aulas de handebol. Em 1982, quando terminei o curso de Educação Física, tomei outro rumo na minha linha de trabalho, me distanciando do curso de Educação Física e passando a me ligar a um movimento de cinema na Universidade que, naquele momento, estava tendo uma efervescência muito grande. Logo fiquei sabendo que tinha sido criado o Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB (NUDOC) e me transferi para esse Núcleo, onde queria ampliar meu campo de atuação, utilizando o audiovisual como instrumento didático para os alunos. A Educação Física ficou pra trás e o cinema começou a fazer parte da minha vida. Posso dizer então, que me envolvi com a extensão no início dos anos 80.

Extensão Cidadã – Que motivações o encaminham para o trabalho com extensão cultural, na área de cinema?

Marcus Vilar – Logo que me transferi para o NUDOC, percebi que o audiovisual tinha um compromisso muito forte com a realidade ao meu redor. Comecei a perceber também que o cinema servia como instrumento para aproximar as pessoas e motivá-las a discutir temas importantes do dia a dia. Isso me instigou a participar de debates com exibições de trabalhos produzidos pela própria UFPB, e outros filmes e vídeos realizados em outros estados e outros países. Essa experiência com cineclubes em associações de bairros teve uma dimensão tão grande, que até serviu de inspiração para realizar um filme em Super 8 chamado “*QUANDO UM BAIRRO NÃO SE CALA*”, sobre o movimento Fala Jaguaribe. O filme documentou todo o trabalho do movimento e como ele atuava dentro da comunidade através da arte. Pessoas como Chico César, Pedro Osmar, Paulo Ro e Milton Dornelas, que até então não eram conhecidas e hoje despontam em nível nacional, foram personagens fundamentais para a construção da história do bairro.

Esse documentário foi realizado com toda a equipe e equipamentos do Núcleo de Documentação da UFPB. Este fato veio comprovar que a iniciativa da Universidade não era apenas para levar filmes já prontos, mas sim documentar a realidade regional e local, retornando à comunidade filmada para que as pessoas pudessem se ver e discutir seus problemas.

Extensão Cidadã – Como você, enquanto extensionista, através da sua produção em cinema, pode contribuir para o processo de mudança de consciência de estudantes e da comunidade, no que diz respeito às questões sociais e à consciência política?

Marcus Vilar – O que pode acontecer, pela minha experiência, é abrir pensamentos e fazer com que as pessoas possam refletir o mundo que os cerca. Um filme vai fazer as pessoas pensarem mais sobre determinados assuntos, mas, nossa função e dever é contribuir para que elas pensem por elas próprias. Isso eu acho que é a verdadeira extensão cidadã.

Extensão Cidadã – Segundo o seu olhar, como a arte e a cultura podem contribuir para diminuir a dívida social com o povo brasileiro?

Marcus Vilar – Trabalho desde 1983 com cinema e tenho percebido que o audiovisual trás novas possibilidades de debates e novos rumos a serem descobertos. Tenho visto filmes em festivais, em outros países e sempre que posso trago esses filmes para serem vistos aqui, ou seja, para que as pessoas possam ter acesso a outras culturas e ao mesmo tempo, perceberem que os problemas são universais e se parecem muito. É fundamental ser um portador de outras culturas e isso é o que acontece muito na extensão. Neste sentido, o cinema não deve ser encarado apenas como uma grande diversão, uma vez que o mesmo tem uma função social importante e que deve ser um instrumento de esclarecimento para a população, pelos seus temas abordados. Um País sem cinema é como uma casa sem espelho.

Extensão Cidadã – A arte e a cultura são suficientemente valorizadas no contexto da extensão nas universidades brasileiras? O que poderia melhorar nesse aspecto?

Marcus Vilar – Pela dimensão que o cinema e o vídeo têm como instrumentos didáticos, acredito que poderia ser investido mais recurso nessa área. Sinto uma precariedade e acho que as universidades deveriam investir mais em recursos humanos, nas catalogações e aquisições das produções regionais e locais, a fim de se criar bancos de dados, de forma que toda comunidade tivesse amplo acesso.

Extensão Cidadã – Dentre os projetos com os quais se envolveu qual o que você apontaria como o mais próximo de uma extensão cidadã?

Marcus Vilar – Como extensionista tive a oportunidade realizar diversos trabalhos, tais como *QUANDO UM BAIRRO NÃO SE CALA*, *SERTÃO MAR*, *SEU REI MANDOU DIZER, SOM DO BARRO*, *À MARGEM DA LUZ*, *O SENHOR DO CASTELO*, entre outros, e todos tiveram um grande significado dentro da linha do trabalho de extensão da Universidade. Especialmente, o documentário *QUANDO UM BAIRRO NÃO SE CALA* é o que eu considero ser mais próximo da extensão cidadã, por ter havido um maior envolvimento da comunidade onde tive a oportunidade de documentar o movimento e posteriormente exibir o material editado e que esse material serviu como instrumento para ser usado pela comunidade.

Extensão Cidadã – Como surgiu a idéia de documentar Ariano Suassuna?

Foi na posse do Reitor Neroaldo Pontes, atual secretário de Educação do Estado, na Universidade Federal da Paraíba, em 1992, que me deparei pela primeira vez, frente a frente, com o escritor paraibano Ariano Suassuna. Como funcionário da UFPB, fui convocado para documentar a aula espetáculo, que seria dada naquela ocasião. Fiquei impressionado com o domínio que ele exercia sobre a platéia e com suas estórias hilárias. Depois da aula, fui para casa de uma tia de Ariano, juntamente com Durval Leal Filho, hoje produtor do filme, e no caminho já me ocorreu a idéia de documentar a trajetória do nosso “Dom Quixote”.

No almoço, propus a Ariano uma entrevista inicial, para darmos partida ao documentário propriamente dito. Ele nem pestanejou. De imediato se colocou à disposição. E na volta do almoço, me reuni com Torquato Joel, que na ocasião seria co-diretor do filme, hoje tem a função de argumentista, com o produtor Durval Leal Filho e combinamos nossos primeiros passos. Naquele momento não sabíamos como viabilizar nossa produção, já que não dispúnhamos de recursos financeiros.

Extensão Cidadã – Qual foi a participação da UFPB nesse processo? –

Iniciamos com as consultas. Conversamos com o professor Carlos Newton, a professora Idelette Muzart e o escritor e compositor Bráulio Tavares. Pessoas que tem profundo conhecimento sobre nosso personagem. Até então, não sabíamos onde queríamos chegar. Três meses depois, com a câmera betacam do Setor de Documentação do Departamento de Arquitetura, da Universidade da Paraíba, partimos em caravana para a casa de Ariano, na Rua Chacon, no bairro de Casa Forte, em Recife.

Finalmente, depois de 10 anos, sem recursos, mas com muita vontade, conseguimos documentar 20 horas de material sobre Ariano. Conseguimos um apoio do atual Governo do Estado da Paraíba, para finalizar essa produção. Ou seja, com o apoio do Governo do Estado, fizemos uma pré-edição em vídeo e com o apoio logístico da UFPB/PRAC/COEX andamos mais um pouco na produção. Só em dezembro de 2006 o documentário ficou pronto em vídeo digital, numa versão comemorativa dos 80 anos de Ariano Suassuna, com 58 minutos de duração

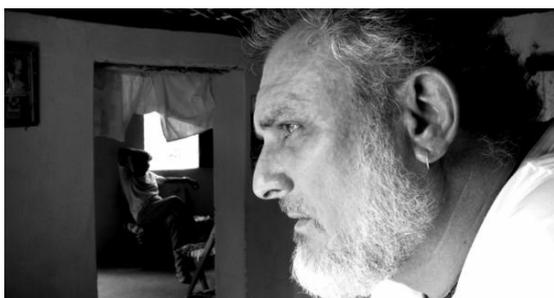
Extensão Cidadã – Como se deu o processo das gravações com Ariano?

Na verdade essa produção foi muito fragmentada. Gravamos a primeira entrevista em 92, depois passamos um ano sem gravar nada. Depois, Ariano veio dar uma aula espetáculo no encontro de Palhaços aqui na Paraíba e documentamos. Seis meses depois, ele foi a Taperoá comemorar seus 70 anos e nos ligou avisando. Depois veio a Cavalcada em São José de Belmonte, onde a cidade faz uma homenagem a ele, fazendo uma caminhada até a Pedra do Reino, representando personagens do livro **A Pedra do Reino** e Ariano foi de cavalo até o topo da Pedra. Gravamos na Escola de Samba Império Serrano, no meio das cabras em Taperoá. Sempre ligávamos pra ele com antecedência para fazer alguma entrevista que queríamos. Nunca tivemos problemas em conseguir marcar as entrevistas.

Extensão Cidadã – “O Senhor do Castelo”, foi o filme de abertura da 11ª edição do Festival de Cinema do Recife. Qual importância para a extensão da UFPB a exibição desse documentário em eventos como esse? Que outras exibições você destacaria?

Marcus Vilar – A Universidade cumpre um papel importante, principalmente no que diz respeito à extensão, uma vez que nos proporciona total apoio para a realização de diversos trabalhos, nos permitindo inclusive a participação em vários festivais, nacionais e

internacionais. No caso do “**SENHOR DO CASTELO**”, tivemos a oportunidade de abrir o Festival de Recife, que é considerado um dos mais sérios e importantes do País. Isso, sem dúvida, é muito importante, pois é através dessas exposições em festivais que divulgamos o nome da Universidade. Além do Festival de Cinema do Recife, em abril de 2007, onde Ariano foi homenageado, fizemos outra exibição no CinePort, Festival de Países da Língua Portuguesa, onde Ariano foi também homenageado e também, exibimos o documentário na cidade do Rio de Janeiro em mais uma comemoração dos 80 anos do nosso personagem. E finalmente, foi finalizada a versão de 72 minutos, longa-metragem do Senhor do Castelo que vai ser lançado no mês de outubro na capital paraibana.



MARCUS ANTONIO DE OLIVEIRA VILAR é natural de Campina Grande/PB é funcionário da UFPB, lotado na Coordenação de Extensão Cultural, onde ocupa a função de Vice-Coordenador da Coordenação de Extensão Cultural.

ESTÁGIOS REALIZADOS

Formação em Cinema Direto, realizado no Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba, no período de 20 de março a 18 de junho de 1982 (na bitola super 8).

Formação em Cinema Direto, realizado em Paris, na Associação Varan, no período de 05 de julho a 16 de setembro de 1995 (na bitola super 8).

Formação em Cinema Direto, realizado em Paris, na Associação Varan, no período de 25 de abril a 11 de julho de 1996 (na bitola 16mm).

TRABALHOS REALIZADOS

OS RATOS, OS PORCOS E OS HOMENS – DOCUMENTÁRIO - COLORIDO - 16 MM - 17 MINUTOS - ANO - 1986 - FILME REALIZADO DURANTE ESTÁGIO DE APERFEIÇOAMENTO EM 16 MM, NA ASSOCIAÇÃO VARAN, EM PARIS.

24 HORAS - DOCUMENTÁRIO/FICÇÃO - PRETO E BRANCO – 16MM - 15 MINUTOS ANO - 1987.

SERTÃO MAR - DOCUMENTÁRIO - COLORIDO - U-MATIC - 12 MINUTOS ANO - 1994

À MARGEM DA LUZ - EXPERIMENTAL - PRETO E BRANCO – BETA - 06 MINUTOS ANO - 1996 - CO-DIRIGIDO COM TORQUATO JOEL

A ÁRVORE DA MISÉRIA - FICÇÃO - PRETO E BRANCO - 35 MM - 12 MINUTOS - ANO - 1998

A CANGA - FICÇÃO – COLORIDO – 35MM – 12 MINUTOS – ANO 2001

O MEIO DO MUNDO - FICÇÃO – COLORIDO - 35MM – 11 MINUTOS – ANO 2005

O SENHOR DO CASTELO - DOCUMENTÁRIO – PRETO E BRANCO E COLORIDO – VÍDEO DIGITAL – 72 MINUTOS – ANO 2007

PREMIAÇÃO:

- Melhor filme segundo o júri técnico, Melhor fotografia, Prêmio banco do Nordeste, Prêmio da Associação Brasileira de Documentaristas - PE e Prêmio Casa Blanca Stúdios, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, no II Festival de Cinema Nacional do Recife, em 1998.
- Melhor filme segundo o Júri Técnico, melhor fotografia e Prêmio Cia. de Imagem, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, no VIII Cine Ceará, em 1998.
- Melhor fotografia, melhor música adaptada, melhor argumento no 21º Guarnicê de Cinema e Vídeo do Maranhão, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, em junho de 1998.
- Prêmio do Júri Popular no 9º Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, realizada de 19 a 30 de agosto de 1998.
- Melhor fotografia, melhor música e melhor atriz na 25ª Jornada Internacional de Cinema de Bahia, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, realizada de 12 a 17 de setembro de 1998.
- Melhor fotografia, no II Festival de Cinema e Vídeo de Vitória, com o filme “**A ÁRVORE DA MISÉRIA**”, realizado de 15 a 21 de novembro de 1998.
- Prêmio Especial do Júri no Festival de Cinema de Santa Maria da Feira, em Portugal, com o filme “**A CANGA**”, realizado em abril de 2001.
- Melhor filme no Cine Ceará, com o filme “**A CANGA**”, realizado em junho de 2001.
- Melhor Música, Prêmio Aquisição Canal Brasil e Júri Popular, no Festival de Cinema de Gramado, com o filme “**A CANGA**”, realizado em agosto de 2001.
- Prêmio da ABD-SP, Prêmio Menção Honrosa da TV Cultura, e Prêmio do Júri Popular, no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, com o filme “**A CANGA**”, realizado em agosto de 2001.
- Melhor fotografia, Melhor adaptação Literária e Prêmio Glauber Rocha – Melhor da Jornada, na Jornada de Cinema da Bahia, com o filme “**A CANGA**”, realizado em setembro de 2001.
- Prêmio Aquisição do Ministério da Cultura, no Festival de Cinema de Vitória, com o filme “**A CANGA**”, realizado em outubro de 2001.
- Prêmio de Melhor Direção, no Festival de Cinema de Cuiabá, com o filme “**A CANGA**”, realizado em novembro de 2001.
- Prêmio de Melhor Direção, no Festival de Cinema de Recife, com o filme “**CANGA**”, realizado em abril de 2002.
- Prêmio de Melhor filme, no Festival de Cinema de Florianópolis, com o filme “**A CANGA**”, realizado em maio de 2002.
- Prêmio de Melhor filme, no Festival Internacional do Meio Ambiente, com o filme “**A CANGA**”, realizado em maio de 2002, na cidade de Goiás Velho, Goiás.
- Prêmio de Melhor Direção, no Festival Internacional de Cinema Brasileiro, em Miami, com o filme “**A CANGA**”, realizado em maio de 2002.
- Prêmio de melhor fotografia, No Festival de Cinema de Brasília, com o filme **O MEIO DO MUNDO**, realizado em novembro de 2005.
- Prêmio de melhor direção,
- Prêmio do Banco do Nordeste, no Festival de Cinema de Sergipe, com o filme **O MEIO DO MUNDO**, realizado em abril de 2006.
- Prêmio de melhor direção, no Festival de Cinema de Cuiabá, com o filme **O MEIO DO MUNDO**, realizado em abril de 2006.